

A máquina do tempo

Num belo dia, há 3 milhões de anos atrás, uma simples pessoa estava andando quando viu uma galinha. Saiu correndo para tentar pegá-la, caiu num buraco e encontrou uma máquina do tempo.

Ficou curioso e decidiu entrar e...

Zzzuuuu! Poingggg! Ziziziii! Bibibibi!

Ahhhhh! – ele gritou desesperado.

A máquina começou a cair de um prédio em forma de rampa de skate e parou numa escultura que parecia um cavalo.

Foi andando, encontrou o Jardim Botânico, com bosques verdes, céu azul, 36 hectares com várias espécies de plantas, trilha de bambus e achou *Trilegal*.

Continuou andando e chegou num rio, que por coincidência era o Rio Guaíba – que, na verdade, não é rio, é lago. Como diz o Guri de Uruguaiana: “que barbaridade!”

Já era fim de tarde.

Ele viu capivaras fofas e um pôr do sol lindo e inimaginável.

Montou na capivara, saiu correndo e chegou na usina do gasômetro.

Deu uma volta no catamarã, montou novamente na capivara e foi visitar o museu iberê camargo. Achou muito legal.

No fim, conseguiu entrar na máquina do tempo mas saiu porque ficou com saudades da capivara e disse:

“Deu pra ti, baixo astral, vou pra Porto Alegre, tchau.”

Bernardo Guerra – JPSul 3º ano – narrativa ficcional

Comentário da banca: Texto vencedor pelo trabalho com a linguagem e pela intertextualidade presente no texto. A referência à canção dos irmãos Kleiton e Kledir traz criatividade e leveza à narrativa.